

Agostinho Gomes, João Ribeiro, Albuquerque Lins, Pereira de Albuquerque, Miguelinho, Tenório, Roma, pregadores ou mártires da Liberdade; Jaime Bezerra, Montenegro, Fortuna, Coelho, Alencar, Venâncio de Rezende, Barbosa Cordeiro, João de Albuquerque, Muniz Tavares, Ornelas, Santa Mariana Brito, frei Pescoço e os mais que fizeram parte dos cinquenta e sete padres comprometidos na rebelião de 1817, alguns com ação militar, como Souto Maior, João Loureiro, Gomes de Lima, Francisco de S. Pedro, o Cachico; os vinte padres que fizeram parte da representação brasileira às Cortes lisboetas; os guerrilheiros baianos Breyner, Manuel de Freitas e Dendê Bus, Bernardo, Sampaio, Januário, Ferreira Barreto, Batista Campos, Belchior Pinheiro, José Custódio, José Bento, Lopes Gama, frei Caneca, dirigentes invulgares de rebeliões, protestos, motins, aferrados aos princípios liberais, alguns chegando ao martírio em sua defesa. Um clero, portanto, em que o fermento cultural fez crescer as tendências políticas, que participou profunda e generalizadamente das lutas do tempo, que discerniu com clareza as necessidades do povo brasileiro e soube servi-las com heróico devotamento. Clero em que se recrutariam, logo adiante, os jornalistas mais ardorosos e também alguns dos mais lúcidos que a época conheceu. Figuras, essas do clero, a que a história não fez ainda justiça, esquecendo a maior parte delas, reduzindo as dimensões de outras, deixando sem adequada análise esse fenômeno singular que foi a participação dos religiosos na vanguarda liberal da fase da autonomia.

### O sacrilégio da imprensa

Os holandeses, dominando a área mais rica da colônia, no século XVII, introduziram no Brasil alguns elementos característicos da atividade burguesa, de que foram pioneiros. Não a imprensa, porém. Apesar de lhe terem dado singular desenvolvimento, na área metropolitana, na proporção do avanço de sua burguesia, não se empenharam em trazer ao seu novo domínio americano a arte tipográfica. Inúteis foram os esforços de Nassau nesse sentido. É curioso o fato, porque mostra como as condições da colônia constituíam obstáculo mais poderoso ao advento da imprensa do que os impedimentos oficiais que caracterizaram a atitude portuguesa. Claro que estes, na sua vigilância permanente, concorreram também para o retardo com que conhecemos a imprensa. Mas a razão essencial estava nas condições coloniais adversas: o escravismo dominante era infenso à cultura e à nova técnica de sua difusão. A etapa econômica e social atravessada pela colônia não gerava as exigências necessárias à instalação da imprensa.